

EMPREENDEDORISMO INDÍGENA: PROPOSTA DE UM *FRAMEWORK* PARA ANÁLISE E DESENVOLVIMENTO DE PESQUISAS

INDIGENOUS ENTREPRENEURSHIP: A PROPOSED FRAMEWORK FOR RESEARCH ANALYSIS AND DEVELOPMENT

EMPRENDIMIENTO INDÍGENA: UN MARCO PROPUESTO PARA EL ANÁLISIS Y DESARROLLO DE LA INVESTIGACIÓN

Helma de Souza Pinto¹, Lucas Cruz Pereira²

DOI: 10.54899/dcs.v23i87.4290

Recibido: 20/01/2026| Aceptado: 23/01/2026| Publicación en línea: 04/02/2026.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo identificar os principais eixos temáticos presentes na literatura científica sobre Empreendedorismo Indígena e, com base nesse mapeamento, propor um *framework* conceitual que possa orientar pesquisas futuras na área. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica em bases de dados nacionais e internacionais, com foco em estudos que abordam revisões sistemáticas ou integrativas sobre o tema. Os resultados indicam que o empreendedorismo indígena pode se manifestar em contextos urbanos, rurais e remotos, sendo influenciado por diferentes fatores socioculturais. Os principais eixos temáticos identificados foram: economia de base comunitária, capacitação, empoderamento econômico, sustentabilidade, justiça social e direitos humanos, inovação, parcerias, conhecimento cultural e cultura indígena. O *framework* proposto permite ampliar a compreensão do fenômeno e fornecer subsídios teóricos para investigações interdisciplinares que valorizem a autonomia, a diversidade e a sustentabilidade nas práticas empreendedoras indígenas.

Palavras-chave: Empreendedorismo Indígena. Pesquisa Bibliográfica. Sustentabilidade. Autonomia Indígena. Desenvolvimento Sustentável.

ABSTRACT

The present study aims to identify the main thematic axes in the scientific literature on Indigenous Entrepreneurship and, based on this mapping, to propose a conceptual framework to guide future research in the field. A bibliographic review was conducted using national and international databases, focusing on studies that include systematic or integrative literature reviews. The results indicate that Indigenous Entrepreneurship can occur in urban, rural, and remote contexts, shaped by sociocultural factors. The main variables identified were: community-based economy, capacity building, economic empowerment, sustainability, social justice and human rights,

¹ Doutor em Administração pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FEARP - USP), Balsas, Maranhão, Brasil. E-mail: helma@ufma.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4191-7168>

² Bacharel Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Balsas, Maranhão, Brasil. E-mail: lucas.cruz@discente.ufma.br Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-9849-758X>

innovation, partnerships, cultural knowledge, and Indigenous culture. These variables, structured in the proposed framework, expand the understanding of the phenomenon and provide theoretical support for interdisciplinary research that values autonomy, diversity, and sustainability in Indigenous entrepreneurial practices.

Keywords: Indigenous Entrepreneurship. Literature Review. Sustainability. Indigenous Autonomy. Sustainable Development.

RESUMEN

El resumen de la próxima publicación tiene como objetivo proporcionar una visión concisa del estudio en cuestión. Considerando la justificación y el problema subyacente, el objetivo es definir claramente los objetivos de investigación. Para ello, se seguirá una metodología apropiada y bien fundamentada. Así, al analizar los resultados obtenidos, se observan contribuciones significativas al campo de estudio. Estos hallazgos nos permiten concluir que el trabajo ha alcanzado sus objetivos propuestos. Se recomienda que el resumen contenga entre 150 y 250 palabras para garantizar la precisión y concisión necesarias.

Palabras clave: Emprendimiento indígena. Investigación bibliográfica. Sostenibilidad. Autonomía indígena. Desarrollo sostenible.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo construir um quadro de referência com as principais variáveis e eixos temáticos relacionadas ao tema Empreendedorismo Indígena a partir de uma revisão bibliográfica sistematizada em duas bases de dados: Google Acadêmico e Scopus. A proposta surge da necessidade de mapear e compreender as abordagens teóricas, metodológicas e empíricas que têm sido aplicadas a esse campo emergente e ainda pouco explorado na literatura científica.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), a população indígena mundial é estimada entre 370 e 500 milhões de pessoas, distribuídas em mais de 90 países e representando uma enorme diversidade cultural, linguística e territorial (ONU, 2022). No Brasil, os povos indígenas enfrentam históricos processos de exclusão, mas também protagonizam iniciativas de resistência, inovação e sustentabilidade. Em diversas comunidades, o empreendedorismo tem se apresentado como alternativa para geração de renda, valorização da identidade cultural e promoção do desenvolvimento local, articulando saberes tradicionais e práticas contemporâneas.

Dessa forma, compreender como o empreendedorismo indígena vem sendo tratado na produção acadêmica é fundamental para ampliar a visibilidade desse fenômeno e reconhecer suas especificidades. O empreendedorismo, nesses contextos, não pode ser analisado apenas sob a ótica econômica convencional, pois envolve dimensões simbólicas, territoriais e comunitárias que refletem outras formas de relação com o trabalho, a natureza e o coletivo. Conforme ressaltam Silva e Gomes (2022), práticas como a produção artística indígena podem tanto conservar elementos culturais quanto gerar impacto socioeconômico nas comunidades em que estão inseridas.

No entanto, observa-se uma lacuna significativa de estudos sistematizados sobre o tema, especialmente nos grandes repositórios de produção científica. A ausência de um referencial consolidado que articule os principais eixos temáticos relacionados ao empreendedorismo indígena dificulta o avanço teórico e o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento. Assim, este estudo busca preencher essa lacuna ao organizar os principais eixos temáticos e perspectivas presentes na literatura, contribuindo para o aprofundamento do debate acadêmico e para a formulação de políticas públicas mais sensíveis à realidade dos povos indígenas.

O artigo está organizado em quatro seções, além desta introdução. A seguir, são apresentados os procedimentos metodológicos adotados; em seguida, discute-se os principais achados da revisão; por fim, são expostas as conclusões e, por fim, as referências utilizadas.

METODOLOGIA

Este estudo adotou a pesquisa bibliográfica como método principal, com o objetivo de compreender o tema Empreendedorismo Indígena a partir da análise de artigos científicos, e publicações acadêmicas relevantes. A pesquisa bibliográfica possibilita a identificação e a compreensão das principais contribuições teóricas e metodológicas de um campo do saber, situando o pesquisador em relação à produção existente sobre determinado tema (Severino, 2007).

Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica fornece uma base teórica sólida, ao mesmo tempo em que permite identificar lacunas, aprofundar conhecimentos e proporcionar uma visão panorâmica e crítica do objeto de estudo.

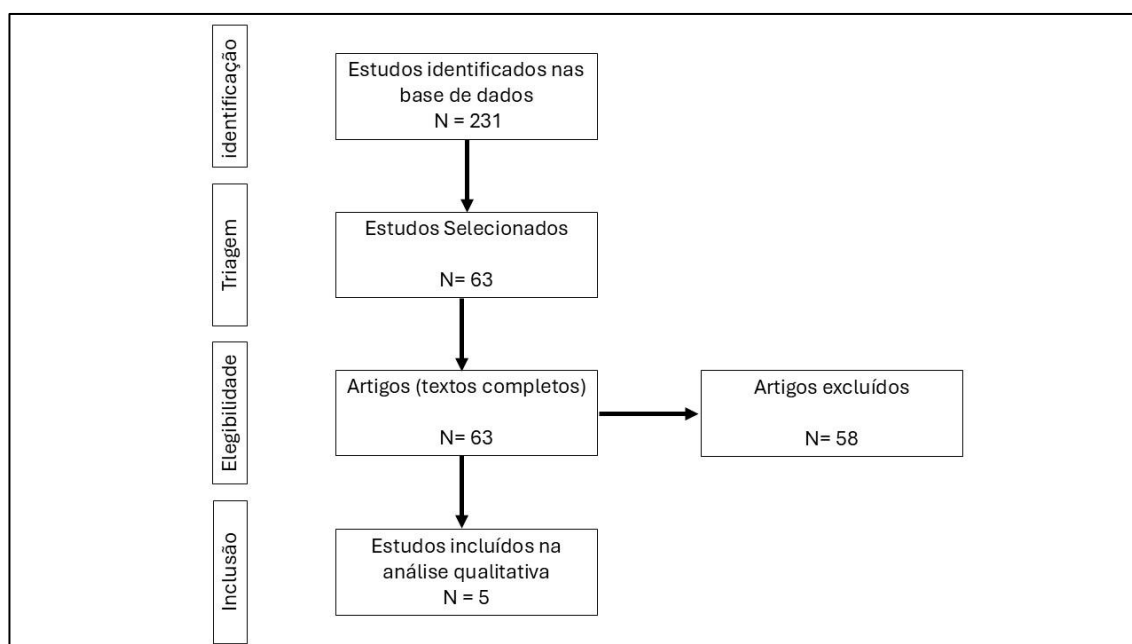
Nessa mesma linha, Cervo e Bervian (2002) destacam que esse tipo de pesquisa permite mapear ideias centrais e abordagens recorrentes, sendo essencial para a construção do referencial

teórico de qualquer investigação científica.

Assim, a presente revisão sistemática utilizou o método PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analysis). As recomendações PRISMA incluem uma lista de verificação contendo 27 itens devidamente descritos e exemplificados, e um diagrama de fluxo dividido em quatro fases (LIBERATI *et al.*, 2009; PAGE *et al.*, 2021). Conforme as recomendações desse método, a pesquisa foi dividida em quatro fases: identificação, triagem, elegibilidade e inclusão. A Figura 1 apresenta o fluxograma da metodologia usada.

Figura 1

Fluxograma da Pesquisa Baseado no Método PRISMA



Fonte: adaptado de Page *et al.* (2021)

O processo de busca iniciou-se no Google Acadêmico, utilizando-se o termo exato “empreendedorismo indígena”, entre aspas. Essa estratégia resultou na identificação de 75 trabalhos publicados em língua portuguesa. De forma complementar, realizou-se uma busca na base internacional Scopus, utilizando-se a expressão “*indigenous entrepreneurship*”, também entre aspas, o que resultou em 156 artigos disponíveis em inglês.

Dessa amostra inicial foram selecionados apenas os estudos diretamente ligados à área de Negócios (Businesses) e Administração (Management), restando 63 artigos e como critério de inclusão, foram selecionados apenas os artigos que apresentavam algum tipo de revisão da literatura – seja ela sistemática, integrativa ou narrativa. Esse critério visou garantir que os textos

analisados tratassem do tema com maior densidade teórica e amplitude conceitual. Após a triagem, foram selecionados cinco artigos para compor a amostra final deste estudo: um proveniente do Google Acadêmico e quatro da base Scopus.

Após a seleção dos cinco artigos que compuseram a amostra da pesquisa, foi realizada uma leitura integral e interpretativa de cada texto, com foco na identificação das variáveis conceituais mais recorrentes nas discussões sobre Empreendedorismo Indígena. Essa leitura buscou destacar não apenas os conceitos explicitamente mencionados, mas também os elementos implícitos nas análises teóricas e empíricas, como categorias analíticas, constructos centrais e modelos explicativos.

Os artigos selecionados foram analisados em profundidade, com foco na identificação dos principais eixos temáticos relacionadas ao empreendedorismo indígena. A sistematização desses eixos temáticos permitiu a construção de um quadro de referência que poderá subsidiar novas investigações acadêmicas e contribuir para o avanço teórico do campo. Os resultados dessa análise são apresentados na próxima seção.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os cinco artigos selecionados para compor a amostra desse estudo estão dispostos na Tabela 1 abaixo.

Tabela 1

Trabalhos selecionados para compor a amostra

Autores	Título	Fonte	Ano
Croce F.	Contextualized indigenous entrepreneurial models: A systematic review of indigenous entrepreneurship literature	Journal of Management & Organization	2017
Jongwe A.I.; Moroz P.W.; Gordon M.; Anderson R.B.	Strategic alliances in firm-centric and collective contexts: Implications for indigenous entrepreneurship	Economies	2020
Olumekor M., Khan M.S., Oppioli M., Calandra D., Polbitsyn S.N.	Policy-making for Indigenous entrepreneurship: towards an inclusive approach	Canadian Journal of Development Studies	2024
AlMehrizi A.A., Tipu S.A., Sarker A.E.	Determinants, processes, and impacts of indigenous entrepreneurship: a systematic literature review	Journal of Enterprising Communities	2024
Silva, M. N. C., Gomes F. E.	Empreendedorismo Indígena: uma revisão de literatura	Revista de Empreendedorismo, Negócios E Inovação,	2022

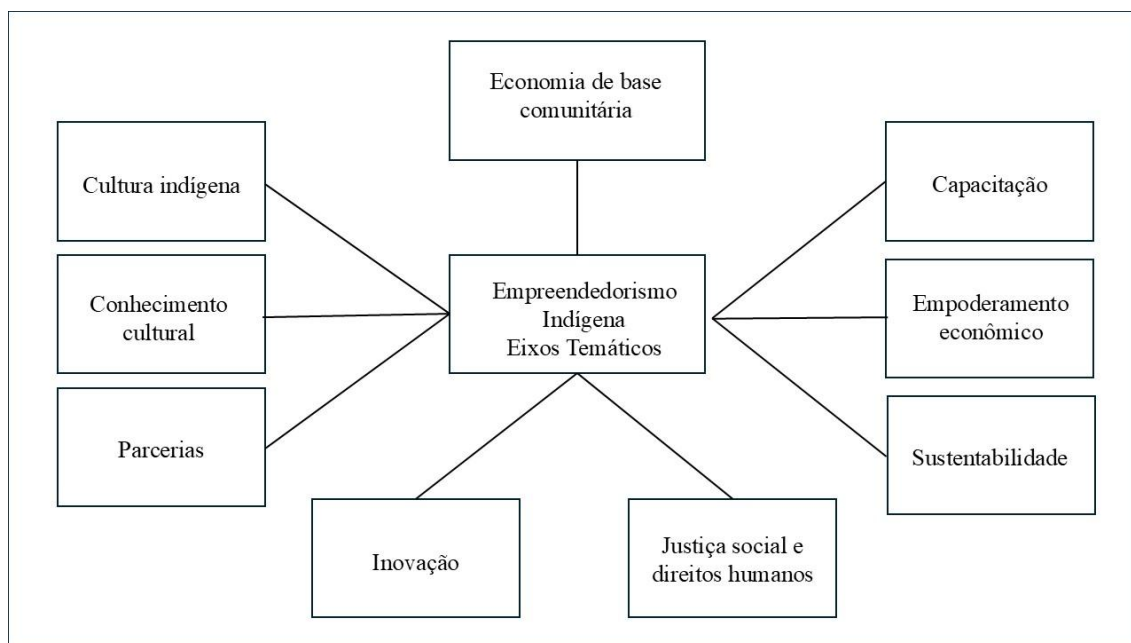
A análise dos cinco artigos selecionados permitiu identificar um conjunto de variáveis recorrentes na literatura sobre Empreendedorismo Indígena, as quais foram organizadas em um quadro de referência conceitual com potencial para orientar futuras pesquisas. Conforme exposto na Tabela 1, os trabalhos analisados são recentes, publicados entre 2017 e 2024, o que confirma o caráter emergente e em expansão do campo.

Destaca-se o artigo de Croce (2017), que apresenta uma importante contribuição ao propor três modelos distintos de empreendedorismo indígena, com base no contexto em que os empreendimentos se desenvolvem: urbano, rural e remoto. Essa tipologia reforça a necessidade de considerar o território e a realidade sociocultural das comunidades como dimensões fundamentais para compreender a diversidade de práticas empreendedoras indígenas.

A partir da leitura interpretativa dos artigos, foi possível sistematizar nove eixos temáticos principais, apresentados na Figura 2 abaixo e descritos em seguida. Esses eixos temáticos refletem as dimensões econômicas, sociais, culturais e ambientais que permeiam o empreendedorismo indígena.

Figura 2

Apresentação dos eixos temáticos do Empreendedorismo Indígena.



A partir da análise dos cinco artigos selecionados foi possível identificar e sistematizar nove eixos temáticos principais que compõem o fenômeno do Empreendedorismo Indígena em

suas múltiplas dimensões. Estas variáveis representam aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos que atuam como fatores determinantes para o desenvolvimento de iniciativas empreendedoras em contextos indígenas.

A seguir, cada um desses eixos temáticos é descrito individualmente com base na literatura revisada e trabalhos importantes para a área, buscando evidenciar sua relevância conceitual e sua articulação com os valores e modos de vida das comunidades indígenas.

Economia de Base Comunitária

A economia de base comunitária constitui um modelo de desenvolvimento voltado para a sustentabilidade e para o protagonismo das próprias comunidades em seus processos produtivos e na distribuição de recursos. Nesse modelo, as atividades econômicas são planejadas com foco nas necessidades locais, promovendo geração de renda, inclusão social e uso consciente dos recursos naturais (Esteves; Caldas Jr., 2016).

Conforme destacam AlMehrizi, Tipu e Sarker (2023), dada a importância dos valores indígenas embutidos na cultura indígena, os princípios socioculturais que incidem sobre o empreendedorismo indígena incluem laços familiares ou de clã, bem-estar comunitário, esforços coletivos para preservar a dignidade dos povos indígenas, o uso de propriedades ou recursos comuns, valores tribais e religiosos e uma aptidão para um modo de vida sustentável.

Na visão de Jongwe *et al.* (2020), o empreendedorismo indígena é frequentemente baseado em visões de mundo coletivas e organizado em torno de interesses comunitários, contrastando fortemente com modelos centrados na empresa e destacam que, alianças estratégicas enraizadas no conhecimento local promovem resultados de desenvolvimento inclusivos, particularmente em economias rurais e tribais.

A análise dos artigos da amostra aponta que a temática economia de base comunitária manifesta-se por meio da produção coletiva e uso sustentável dos recursos locais, das decisões comunitárias e partilha dos benefícios, da resistência cultural e fortalecimento territorial e das alianças baseadas em valores comunitários e não em competição mercantil (Jongwe *et al.*, 2020; Olumekor *et al.*, 2024; AlMehrizi *et al.*, 2023; Croce, 2017; Silva; Gomes, 2022).

Capacitação

A capacitação é um elemento central para o fortalecimento do empreendedorismo indígena, pois promove autonomia, amplia oportunidades econômicas e assegura a preservação das identidades culturais. A formação técnica e empresarial oferece ferramentas práticas para que empreendedores indígenas possam gerir seus negócios, acessar mercados e tomar decisões alinhadas aos seus valores socioculturais (Silva; Gomes, 2022).

Além disso, conforme expõem Jongwe *et al.* (2020), a capacitação permite a adaptação das práticas empresariais às especificidades locais, incorporando princípios de sustentabilidade e respeito aos modos de vida tradicionais. Dessa forma, representa uma ponte entre o conhecimento técnico e os saberes tradicionais.

Conforme destacam Silva e Gomes (2022), a capacitação é descrita como meio de valorização cultural e fortalecimento econômico e destaca que no Brasil há políticas públicas como o Projeto Brasil Original do SEBRAE, que oferece formação técnica e apoio estratégico a empreendedores indígenas.

Do mesmo modo, AlMehrizi, Tipu e Sarker (2023), destacam que programas formais de desenvolvimento do empreendedorismo indígena frequentemente incluem componentes de capacitação, como treinamento, mentoria e desenvolvimento de habilidades e também sugerem a importância do reconhecimento do aprendizado e desenvolvimento de competências.

Empoderamento Econômico

O empoderamento econômico é entendido como o fortalecimento da capacidade das comunidades indígenas de administrar e se beneficiar, de maneira autônoma e sustentável, dos seus recursos naturais e culturais. Esse processo impulsiona a geração de renda, a melhoria das condições de vida e a valorização dos conhecimentos tradicionais (ISA, 2018).

O empreendedorismo promove a criação de empregos e o crescimento econômico, isso explica por que se tornou uma das principais ferramentas políticas para lidar com as desigualdades estruturais enfrentadas pelos povos e comunidades Indígenas em muitas partes do mundo (Olumekor *et al.*, 2024). De forma complementar, a autonomia econômica também favorece a inserção em mercados mais amplos e a diversificação das atividades produtivas, permitindo que os povos indígenas tenham maior controle sobre seus meios de subsistência e

ampliem suas oportunidades.

O empoderamento aparece tanto na autonomia econômica quanto na valorização da identidade cultural pois a de geração de renda e desenvolvimento econômico local surgem a partir de práticas empreendedoras, alinhadas com as tradições indígenas (Silva; Gomes, 2022).

Sustentabilidade

A sustentabilidade é um princípio intrinsecamente associado ao modo de vida das comunidades indígenas. Ela reflete a busca por equilíbrio entre a exploração dos recursos naturais e a preservação do meio ambiente e dos saberes tradicionais. Empreendimentos indígenas sustentáveis adotam práticas que respeitam o território, asseguram o uso consciente dos recursos e garantem sua renovação para as gerações futuras (Croce, 2017; Little, 2002).

Um ponto importante a se observar, é que os Povos Indígenas não se opõem à ideia de obtenção de lucro, criação de riqueza e sucesso nos negócios. No entanto, são geralmente menos individualistas e frequentemente valorizam muito mais os laços com a natureza, a cultura, a comunidade e a família do que os não indígenas (Dana, 2015; Dana; Anderson, 2007; Hindle; Lansdowne, 2005; Scheyvens *et al.*, 2017).

AlMehrizi, Tipu e Sarker (2023), apontam que a ideia de um "modo de vida sustentável" como um princípio sociocultural e a melhoria socioecológica indicam uma compreensão da sustentabilidade que vai além do puramente econômico, englobando aspectos ambientais e sociais. A conexão entre cultura indígena e vantagem competitiva sustentável também é um ponto relevante. Assim, a sustentabilidade no empreendedorismo indígena não é apenas ambiental, mas também cultural e social, alinhando-se a formas de vida que valorizam a harmonia com a natureza e com a coletividade.

Justiça Social e Direitos Humanos

Embora a situação das comunidades indígenas possa não ser tão severa agora como durante o período colonial, os povos indígenas frequentemente vivem em áreas marginalizadas com acesso limitado a oportunidades de trabalho decentes e dependência de recursos locais, sofrem com pobreza, fome, exploração de riqueza e marginalização (Colbourne, 2017). O autor observa que esses fatores negativos de pressão podem forçar os povos indígenas ao

empreendedorismo.

Desse modo, o empreendedorismo indígena deve estar inserido em um marco de respeito aos direitos humanos e à justiça social. Isso inclui o direito à autodeterminação, ao território, à cultura e ao acesso equitativo a recursos, financiamento, formação e mercados (ISA, 2018).

Conforme expõe Colbourne (2017), a promoção da justiça social assegura que as políticas públicas e as iniciativas de apoio considerem as particularidades dos povos indígenas, evitando a exploração e favorecendo o desenvolvimento inclusivo e ético. Nesse sentido, o empreendedorismo torna-se também um instrumento de resistência e emancipação (Colbourne, 2017).

Olumekor *et al.* (2024) fazem críticas às políticas *top-down* e à imposição de modelos ocidentais de negócios e baseiam-se no reconhecimento da singularidade cultural indígena e recomendam que políticas "culturalmente apropriadas" sejam desenhadas com a participação direta das comunidades indígenas.

Ainda segundo Olumekor *et al.* (2024), a identidade cultural, as tradições e os valores moldam a forma como os indígenas se envolvem no empreendedorismo, assim as políticas devem respeitar e integrar essa dimensão cultural para alcançar resultados positivos e inclusivos. A cultura indígena é considerada uma perspectiva relevante para a análise do processo de formulação de políticas voltadas ao empreendedorismo indígena (Olumekor *et al.*, 2024).

Inovação

A inovação no contexto indígena refere-se à capacidade de articular saberes tradicionais com tecnologias e práticas contemporâneas, ampliando o valor cultural e econômico dos empreendimentos. Isso inclui a introdução de novos produtos, processos ou canais de comercialização — como plataformas digitais ou redes de comércio justo — que respeitam e valorizam a identidade indígena (Croce, 2017; Silva; Barbosa, 2017; Oliveira; Bicalho, 2014).

De maneira análoga, AlMehrzi, Tipu e Sarker (2023) evidenciam que a inovação no contexto indígena não é apenas tecnológica, mas cultural e simbólica, expressando-se na forma como os povos indígenas transformam sua cosmovisão em soluções empreendedoras. A inovação é vista como um processo enraizado na tradição.

Já Silva e Gomes (2022) ressaltam o caráter híbrido da inovação, é tecnológica e cultural, coletiva e emancipatória além de ser uma ferramenta de inclusão digital e social, ao mesmo tempo

em que respeita os valores tradicionais dos povos indígenas.

A partir da análise dos estudos da amostra é possível identificar que temática da inovação está presente de forma transversal nos cinco artigos com nuances que vão além da simples criação de novos produtos ou serviços. Os tipos de inovação identificados foram, inovação social (Formas de organização, redes comunitárias, alianças estratégicas), inovação cultural (Uso da tradição como base para novas soluções), inovação digital (plataformas e aplicativos cocriados com comunidades), inovação institucional (novas políticas públicas e modelos de apoio) e inovação epistemológica (reconhecimento dos saberes indígenas como fontes legítimas de conhecimento e ação).

A análise dos tipos de inovação identificados permite afirmar que o empreendedorismo indígena desenvolve-se por meio de práticas inovadoras.

Parcerias

As parcerias são estratégias fundamentais para ampliar a capacidade de ação das comunidades indígenas. Por meio de alianças com organizações governamentais, universidades, ONGs e empresas, os empreendedores indígenas acessam recursos, conhecimentos e redes de apoio que potencializam seus projetos (ISA, 2018; Croce, 2017).

Jongwe *et al.* (2020) centraram-se na análise de alianças estratégicas com foco em como parcerias entre empresas e comunidades indígenas podem contribuir para práticas mais sustentáveis e inclusivas e propõe uma robusta na discussão de parcerias como elemento estrutural do empreendedorismo indígena, defendendo alianças baseadas na reciprocidade, respeito cultural e construção coletiva de valor.

Parcerias que respeitam a autonomia cultural contribuem para soluções locais, inclusão produtiva e valorização da produção indígena em mercados específicos (Jongwe *et al.*, 2020).

Complementarmente, AlMehrizi, Tipu e Sarker (2023) discutem como redes colaborativas e alianças comunitárias são parte central do processo empreendedor indígena e apontam que a parceria aparece como estratégia de sobrevivência e expansão, especialmente frente a limitações estruturais como acesso a crédito ou infraestrutura.

Os tipos de parcerias identificados foram as parcerias interinstitucionais (ex.: governos, universidades, ONGs e empresas); as alianças corporativas-comunitárias, como modelo de inovação na gestão da sustentabilidade e responsabilidade social; as parcerias internas

comunitárias, baseadas na coletividade, reciprocidade e apoio mútuo; e as parcerias como forma de mediação cultural que articulam saberes distintos para criar modelos inclusivos e adaptados (Jongwe *et al.*, 2020; Olumekor *et al.*, 2024; Almehrzi *et al.*, 2023; Croce, 2017).

Conhecimento Cultural

O conhecimento cultural é central ao empreendedorismo indígena, funcionando como base para a criação de valor econômico, social e simbólico. O conhecimento é transmitido de geração a geração, sendo parte inseparável da identidade dos povos. A prática empreendedora muitas vezes é instigada pela transferência de conhecimento repassado pelos antepassados, que promove a produção das atividades de determinada região, mantendo a cultura local e buscando atender suas necessidades (Silva; Gomes, 2022)

Conforme expõe Little (2002), o conhecimento cultural compreende os saberes tradicionais transmitidos entre gerações, como práticas de manejo ambiental, medicina tradicional, técnicas artesanais e cosmologias. Esses saberes constituem um diferencial competitivo e ético, pois agregam autenticidade e valor simbólico aos produtos e serviços indígenas.

Complementarmente, Olumekor *et al.* (2024) propõem que a pesquisa sobre empreendedorismo indígena deve demonstrar disposição para aprender e honrar o conhecimento indígena, engajar-se no compartilhamento de poder e cooperação, e praticar reciprocidade, humildade e relacionalidade em todo o processo de pesquisa.

Diferentemente das abordagens convencionais centradas em capital, inovação tecnológica ou crescimento individual, Silva e Gomes (2022) explicam que o empreendedorismo indígena emerge de uma epistemologia própria, enraizada em saberes ancestrais e em formas de organização coletiva. Ao integrar esses conhecimentos com práticas de gestão e inovação, os empreendimentos indígenas tornam-se capazes de articular tradição e modernidade, criando soluções economicamente viáveis e culturalmente significativas (Almehrzzi *et al.*, 2023)

A tabela 2 sistematiza as dimensões em que esse conhecimento se manifesta.

Tabela 2

Dimensões do conhecimento cultural

Dimensões do conhecimento cultural	Descrição
Saberes Tradicionais Transmitidos Oralmente	Conhecimento sobre a terra, os ciclos da natureza, a espiritualidade, as formas de cuidado comunitário e a transmissão oral de histórias e técnicas ancestrais. São repertórios que configuram modos de vida sustentáveis e orientam as práticas produtivas — da coleta à comercialização — respeitando o equilíbrio ecológico e os valores espirituais da comunidade (AlMehrzzi <i>et al.</i> , 2023).
Práticas Coletivas	A cultura indígena valoriza a coletividade em detrimento do individualismo, e isso se expressa nas formas de empreender: produções artesanais em grupo, agricultura baseada na reciprocidade, tomada de decisões por consenso e distribuição equitativa dos benefícios. O empreendimento é, assim, um ato comunitário, frequentemente vinculado ao bem-estar coletivo (Jongwe <i>et al.</i> , 2020).
Instrumento de Resistência e Afirmação Identitária	O conhecimento cultural é também uma ferramenta de resistência frente às forças colonizadoras e de mercado. O empreendedorismo indígena não busca apenas inclusão econômica, mas sobretudo afirmação de modos de vida, línguas, cosmologias e valores que foram historicamente marginalizados (Silva; Gomes, 2022).

Conforme demonstra a Tabela 2, o conhecimento cultural, por seu caráter de difusão coletiva, permeia todas as práticas ligadas ao empreendedorismo indígena desde a concepção e confecção de produtos até a forma de administração dos empreendimentos.

Cultura Indígena

A cultura indígena é o núcleo identitário que estrutura o empreendedorismo indígena. Ela orienta os modos de produção, os valores que guiam os negócios e a forma como os produtos e serviços são concebidos e ofertados. Através da cultura, os empreendedores expressam sua visão de mundo e reforçam a conexão entre economia, território e espiritualidade (ISA, 2018).

Ao mesmo tempo, a valorização da cultura nos empreendimentos promove autoestima, preservação do patrimônio cultural e protagonismo social. Assim, a cultura indígena é tanto o meio quanto o fim do processo empreendedor, consolidando o empreendedorismo como uma forma de continuidade e inovação cultural (Almehrzzi *et al.*, 2023)

Conforme observam Olumekor *et al.* (2024), a cultura indígena é um fator determinante que diferencia o empreendedorismo indígena e, portanto, exige abordagens e políticas específicas. A cultura é apresentada como fonte de valores distintos (coletivismo, ligação com a natureza, comunidade), como um patrimônio a ser preservado e promovido através do

empreendedorismo indígena.

Apresentação do *Framework*

Tendo sido detalhados os principais eixos temáticos sobre empreendedorismo indígena, a seguir é apresentado a Tabela 3 com a proposta de *framework* que pode servir de base para futuras pesquisas.

Tabela 3

Proposta de framework

Eixo temático	Descrição	Autores	Perguntas
Economia de Base Comunitária	Modelo que prioriza o desenvolvimento local sustentável, onde a comunidade é protagonista dos processos produtivos e da distribuição dos recursos, valorizando a inclusão social, a cooperação e a solidariedade.	Esteves e Caldas Jr (2016); AlMehrzzi, Tipu e Sarker (2023); Jongwe <i>et al.</i> (2020)	- Como seu negócio ajuda a melhorar a vida da sua comunidade? - De que forma as pessoas participam do negócio? - Você pode dar um exemplo de como o negócio beneficia todos na comunidade?
Capacitação	Envolve o treinamento e a formação técnica e empresarial que fortalecem a autonomia dos empreendedores, possibilitando a adaptação das práticas de gestão às particularidades culturais e regionais.	Silva e Gomes (2022); AlMehrzzi, Tipu e Sarker (2023);	- Você já fez algum curso ou treinamento que ajudou no seu negócio? Como foi? - Como você aprendeu a resolver as dificuldades do dia a dia? - O que você diria para quem quer aprender a cuidar de um negócio como o seu?
Empoderamento Econômico	Refere-se à autonomia na gestão e no controle dos recursos naturais e culturais, permitindo que as comunidades melhorem suas condições de vida e expandam sua participação em mercados mais amplos.	ISA (2018); Olumekor <i>et al.</i> (2024); Silva e Gomes (2022)	- Como o seu negócio ajuda a sua comunidade a cuidar melhor dos seus recursos? - Você sente que o negócio faz com que as pessoas fiquem mais independentes? Como? - Pode dar um exemplo de como o negócio trouxe mais autonomia para a sua comunidade?
Sustentabilidade	Práticas que asseguram o uso consciente dos recursos naturais, preservam o meio ambiente e o patrimônio cultural, garantindo a continuidade das tradições para as futuras gerações.	Little (2002); AlMehrzzi, Tipu e Sarker (2023); Dana (2015)	- O que você faz para que o negócio respeite e cuide da natureza? - Como o negócio ajuda a manter as tradições e o respeito pelo meio ambiente? - Você tem alguma prática no negócio que mostre o cuidado com os recursos naturais?
Justiça Social e Direitos Humanos	Garante o reconhecimento e a proteção dos direitos culturais, territoriais e de autodeterminação, assegurando equidade no acesso a recursos e evitando a exploração, promovendo um desenvolvimento ético e inclusivo.	ISA (2018); Jongwe <i>et al.</i> (2020); Olumekor <i>et al.</i> (2024); AlMehrzzi <i>et</i>	- Como o seu negócio garante que todos sejam tratados com respeito na comunidade? - Você acha que o negócio protege os direitos do seu povo? Como? - Pode dar um exemplo de quando o

Inovação	Integração de conhecimentos tradicionais com novas tecnologias e práticas, possibilitando a adaptação dos produtos e serviços às demandas contemporâneas e ampliando sua competitividade no mercado.	<i>al.</i> (2023); Croce (2017) Silva e Barbosa (2017); Oliveira e Bicalho (2014)	negócio ajudou a promover igualdade entre as pessoas da comunidade? - Você já usou alguma nova ideia para melhorar o seu negócio? Pode contar como foi? - Como o seu negócio se modernizou sem perder as tradições do seu povo? - Que novas soluções ou ideias você acha que poderiam ajudar o negócio a crescer?
Parcerias	Colaborações estratégicas com governos, ONGs, universidades e empresas, que ampliam o acesso a recursos, conhecimentos e apoio técnico, sempre respeitando a autonomia e as especificidades culturais das comunidades.	ISA (2018); Jongwe <i>et al.</i> (2020); Olumekor <i>et al.</i> (2024); Almehrzzi <i>et al.</i> (2023); Croce (2017)	- Quem são as pessoas ou instituições que ajudam no seu negócio? - Como essas parcerias melhoram o funcionamento do negócio? - Que tipo de ajuda ou parceria você gostaria de ter para fortalecer ainda mais o seu negócio?
Conhecimento Cultural	Valorização e utilização dos saberes ancestrais e das práticas tradicionais que conferem autenticidade aos produtos e serviços, servindo como diferencial no mercado e reforçando a identidade cultural.	Little (2002); Olumekor <i>et al.</i> (2024); Almehrzzi, Tipu e Sarker (2023); Silva e Gomes (2022)	- De que forma os conhecimentos e as tradições do seu povo influenciam o jeito de trabalhar no negócio? - Como os saberes do seu povo ajudam a dar um diferencial aos produtos ou serviços? - Você pode contar um exemplo de como o conhecimento tradicional faz parte do seu negócio?
Cultura Indígena	Elemento central que expressa e preserva as tradições, crenças e modos de vida, diferenciando os produtos e serviços e promovendo o fortalecimento da identidade dos povos indígenas no contexto empreendedor.	ISA (2018); Olumekor <i>et al.</i> (2024)	- O que a cultura do seu povo significa para o negócio que você tem? - Como você mostra a identidade e as tradições do seu povo nos produtos ou serviços? - Pode contar uma história que ilustre a importância da cultura indígena para o seu negócio?

O *framework* apresentado na Tabela 3 apresenta uma proposta que pode servir como base para pesquisas relacionadas não só ao empreendedorismo desenvolvido por populações indígenas, mas também, por populações tradicionais como aquelas que habitam os mais variados biomas do território brasileiro, como o empreendedorismo desenvolvido por populações quilombolas, quebradeiras de coco babaçu, ribeirinhos, pescadores artesanais, entre outros.

Além disso, são discutidas as limitações do estudo e possíveis direções para pesquisas futuras. É fundamental que tanto os resultados quanto a discussão sejam fundamentados em evidências sólidas e que contribuam significativamente para o avanço do conhecimento sobre o tema abordado.

CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo identificar os principais eixos temáticos presentes na literatura científica sobre Empreendedorismo Indígena e, com base nessa análise, propor um quadro de referência conceitual que contribua para o avanço teórico e prático do campo. A partir de uma pesquisa bibliográfica realizada nas bases Google Acadêmico e Scopus, foram selecionados cinco artigos que realizaram revisões de literatura sobre a temática, revelando a crescente atenção acadêmica a essa área, embora ainda incipiente.

Os resultados da análise permitiram sistematizar nove eixos temáticos centrais: economia de base comunitária, capacitação, empoderamento econômico, sustentabilidade, justiça social e direitos humanos, inovação, parcerias, conhecimento cultural e cultura indígena. Essas variáveis foram apresentadas como categorias interligadas que compõem a complexidade do empreendedorismo indígena, compreendido aqui não apenas como uma prática econômica, mas como uma forma de resistência cultural, afirmação identitária e construção de alternativas sustentáveis de desenvolvimento.

O estudo também evidenciou que o empreendedorismo indígena se manifesta em diferentes contextos — urbano, rural e remoto — e que o território, a cultura e a organização social das comunidades influenciam diretamente a forma como os empreendimentos são concebidos e operados. Nesse sentido, o quadro de referência proposto oferece subsídios para pesquisadores, formuladores de políticas públicas e instituições de apoio ao empreendedorismo que desejem atuar com sensibilidade às realidades socioculturais dos povos indígenas.

Outra contribuição relevante desse estudo é a aplicabilidade da proposta do *framework* não só ao contexto de populações indígenas. Os eixos temáticos identificados também podem servir como base para pesquisas relacionadas às populações tradicionais como aquelas que habitam os mais variados biomas do território brasileiro, como o empreendedorismo desenvolvido por populações quilombolas, quebradeiras de coco babaçu, ribeirinhos, pescadores artesanais, entre outros.

Entre as limitações deste estudo, destaca-se o número reduzido de artigos disponíveis com foco específico em revisões de literatura sobre o tema, o que reflete o estágio ainda emergente dessa agenda de pesquisa. Além disso, por tratar-se de uma análise teórica, não foram incluídos estudos de caso empíricos, o que abre espaço para investigações futuras que explorem a aplicação prática das variáveis aqui mapeadas em diferentes comunidades indígenas.

Diante das limitações apresentadas, sugere-se o aprofundamento empírico sobre o impacto das variáveis identificadas em contextos locais, bem como o desenvolvimento de metodologias participativas que envolvam os próprios povos indígenas na produção de conhecimento sobre seus modelos de empreendedorismo. Também se recomenda a ampliação das bases de dados e das abordagens interdisciplinares para enriquecer a compreensão desse fenômeno em sua pluralidade.

Conclui-se que o empreendedorismo indígena representa uma alternativa potente de desenvolvimento que valoriza a diversidade cultural, a sustentabilidade ambiental e a autonomia econômica. Compreender suas variáveis estruturantes é um passo fundamental para promover políticas mais justas, práticas mais inclusivas e um debate acadêmico mais sensível às vozes e experiências dos povos originários.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho contou com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão, FAPEMA

REFERÊNCIAS

- Almehrizi, A. A., Tipu, S. A., & Sarker, A. E. (2024). Determinants, processes, and impacts of indigenous entrepreneurship: A systematic literature review. *Journal of Enterprising Communities: People and Places in the Global Economy*, 18(3), 646–681. <https://doi.org/10.1108/JEC-10-2022-0155>
- Anderson, R. B., & Dana, L. P. (Eds.). (2007). *International handbook of research on indigenous entrepreneurship*. Edward Elgar Publishing. <https://doi.org/10.4337/9781781952641>
- Cervo, A. L., & Bervian, P. A. (2002). *Metodologia científica* (5ª ed.). Prentice Hall.
- Colbourne, R. (2017). An understanding of Native American entrepreneurship. *Small Enterprise Research*, 24(1), 49–61. <https://doi.org/10.1080/13215906.2017.1289856>
- Croce, F. (2017). Contextualized indigenous entrepreneurial models: A systematic review of indigenous entrepreneurship literature. *Journal of Management & Organization*, 23(6), 886–906. <https://doi.org/10.1017/jmo.2017.69>
- Dana, L. P. (2015). Indigenous entrepreneurship: An emerging field of research. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research*, 21(1), 158–169. <https://doi.org/10.1108/IJEBR-05-2014-0098>
- Esteves, L., & Caldas Júnior, E. (2016). Economia de base comunitária: Desafios e perspectivas

- para o desenvolvimento local. *Desafios do Desenvolvimento*, (87). Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/7060>
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed.). Atlas.
- Hindle, K., & Lansdowne, M. (2005). Brave spirits on new paths: Toward a globally relevant paradigm of indigenous entrepreneurship research. *Journal of Small Business & Entrepreneurship*, 18(2), 131–141. <https://doi.org/10.1080/08276331.2005.10593335>
- Instituto Socioambiental. (2018). *Empreendedorismo indígena e desenvolvimento sustentável: Relatório técnico*. ISA. https://www.socioambiental.org/sites/default/files/2021-05/relatorio-2018-site_1.pdf
- Jongwe, A. I., Moroz, P. W., Gordon, M., & Anderson, R. B. (2020). Strategic alliances in firm-centric and collective contexts: Implications for indigenous entrepreneurship. *Economies*, 8(2), Article 31. <https://doi.org/10.3390/economies8020031>
- Liberati, A., Altman, D. G., Tetzlaff, J., Mulrow, C., Gøtzsche, P. C., Ioannidis, J. P. A., Clarke, M., Devereaux, P. J., Kleijnen, J., & Moher, D. (2009). The PRISMA statement for reporting systematic reviews and meta-analyses of studies that evaluate health care interventions: Explanation and elaboration. *PLoS Medicine*, 6(7), e1000100. <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1000100>
- Little, P. E. (2002). *Ecologia política e desenvolvimento sustentável*. Editora da UNICAMP.
- Oliveira, M. F., & Bicalho, A. M. S. (2014). Inovações sustentáveis e o fortalecimento do empreendedorismo em comunidades tradicionais no Brasil. *Ambiente & Sociedade*, 17(3), 45–64. <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2014000300004>
- Olumekor, M., Anderson, R. B., Dana, L. P., & Fayolle, A. (2024). Policy-making for indigenous entrepreneurship: Towards an inclusive approach. *Canadian Journal of Development Studies / Revue canadienne d'études du développement*, 45(3), 447–474. <https://doi.org/10.1080/02255189.2024.2360397>
- Organização das Nações Unidas. (2021). *10 curiosidades sobre povos indígenas*. <https://news.un.org/pt/gallery/168991>
- Page, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., Shamseer, L., Tetzlaff, J. M., Akl, E. A., Brennan, S. E., Chou, R., Glanville, J., Grimshaw, J. M., Hróbjartsson, A., Lalu, M. M., Li, T., Loder, E. W., Mayo-Wilson, E., McDonald, S., ... Moher, D. (2021). The PRISMA 2020 statement: An updated guideline for reporting systematic reviews. *BMJ*, 372, n71. <https://doi.org/10.1136/bmj.n71>
- Scheyvens, R., Biddulph, R., & Movono, A. (2017). Indigenous entrepreneurship on customary land in the Pacific: Measuring sustainability. *Journal of Management & Organization*, 23(6), 774–785. <https://doi.org/10.1017/jmo.2017.67>
- Severino, A. J. (2007). *Metodologia do trabalho científico* (23ª ed.). Cortez.
- Silva, C. A. da, & Barbosa, A. (2017). Empreendedorismo indígena e inovação: Caminhos para

a sustentabilidade e inclusão econômica. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, (41), 115–132. <https://doi.org/10.5380/dma.v41i0.51327>

Silva, M. N. C. da, & Gomes, F. E. (2022). Empreendedorismo indígena: Uma revisão de literatura. *Revista de Empreendedorismo, Negócios e Inovação*, 7(1), 4–25. <https://doi.org/10.36942/reni.v7i1.647>